

Esalq

Limpeza da fachada

Lavagem das paredes de pavilhão levou a denúncias de desperdício de água

ELENI DESTRO

Especial para a Gazeta

A Gazeta recebeu várias denúncias que apontam para o desperdício de água no campus da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo). A universidade realiza a limpeza da fachada do prédio do Pavilhão de Engenharia com equipamento de alta pressão, atitude que, segundo os denunciantes, vai contra o que pede a própria Esalq à comunidade acadêmica em comunicado interno sobre o uso racional da água por causa da seca que atinge o Estado. A assessoria de comunicação da Esalq informou que a intervenção é necessária e faz parte de um projeto de recuperação do prédio.

Estudantes ligaram para a Gazeta. Uma estudante que preferiu não se identificar disse que a universidade está sendo incoerente em dar andamento à obra não só pela estiagem, mas também por conta da crise financeira que a USP enfrenta, que fez o reitor Marco Antonio Zago anunciar a suspensão de obras e contratações e até congelar salários. "O pessoal está dividido. Uns apoiam porque acham que a crise hídrica não vai continuar. Outros são contra", contou ela. Ela também cita o comunicado interno distribuído pela universidade, que informa que "a situação é crítica" e pede "a adoção de medidas que reduzam drasticamente o consumo desse bem precioso, assim como o encaminhamento de sugestões que possam ser implementadas a curtíssimo, médio e longo prazo".

As manifestações também chegaram às redes sociais. Na página do Facebook do Centro Acadêmico Paulo Cidade um post



Funcionário de empresa que venceu licitação realizava limpeza das paredes do Pavilhão de Engenharia quinta-feira

de 23 de outubro exibe uma foto da entrada principal do pavilhão com uma faixa onde se lê: "Estão lavando paredes em plena crise e falta d'água".

RESPOSTA

A Esalq, por meio de sua assessoria de comunicação, informou que a intervenção no Pavilhão de Engenharia tem como objetivo reformular e adequar a edificação à legislação vigente. Na nota, a universidade diz acreditar que a fachada do prédio não tenha passado por qualquer tipo de limpeza ou manutenção preventiva ao longo de seus quase 70 anos de existência. "A lavagem da edificação é a primeira ação prevista para o resgate das fachadas, uma vez que esta dará a condição de se avançar no mapeamento de suas patologias e de se identificar as reais áreas que serão submetidas às ações

mais complexas", informou a universidade.

O início das obras foi adiado ao máximo, diz a nota. "A empresa contratada tem sido orientada (e está se esforçando muito) para minimizar desperdícios durante a obra, inclusive o de água, e que após esta etapa de lavagem deverá se iniciar a etapa de recuperação de obturações e partes danificadas ou soltas do revestimento, devendo haver mais uma lavagem, anterior ao serviço de hidrofugação previsto", informa.

A Esalq disse ainda que a empresa contratada é especialista em restaurações e estudou diversas alternativas para reduzir o uso da água na obra, incluindo uma forma de limpeza sem a utilização de água e/ou a utilização de água de reúso. "Nesse sentido, outra forma de limpeza, sem a utilização de água, previria obrigatoriamente a uti-

lização de métodos abrasivos, que provocariam danos ao revestimento do edifício, descaracterizando o seu acabamento, o que, pela condição de bem tombado, não seria nem desejável nem aprovado pelas instâncias competentes".

A universidade informou que não foi possível encontrar fornecimento de água de reúso em condições adequadas para a recuperação dos revestimentos das fachadas. As opções disponíveis trariam riscos à conservação, pondo a perder os trabalhos realizados. "Com o equipamento, o volume necessário para lavar 100 metros quadrados de parede é de 200 litros. Portanto, em 4.000 metros quadrados (Pavilhão de Engenharia) serão utilizados oito mil litros, o que é equivalente ao volume que seria utilizado em uma pequena área irrigada em um único dia", comparou.